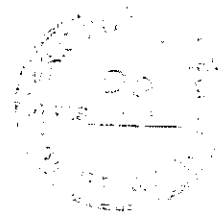


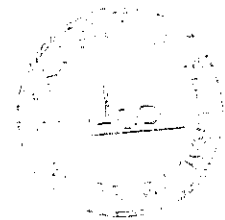


**MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**  
**PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**



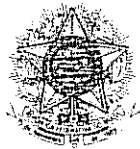
**TERMO DE DECLARAÇÕES**

Aos 24 dias do mês de fevereiro de 2014, compareceu espontaneamente a esta Procuradoria da República a senhora Maria Helena Gomes De Souza, brasileira, viúva, portadora do RG n.º 5665605-1 Detran/RJ, inscrita no CPF sob o n.º 74472496704, domiciliada na Rua Piúna, n.º 135, Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro e telefone 21-2464-6691, 21-974984671, a qual após ser advertida do seu dever de falar a verdade, sob pena de responder pelo crime de falso testemunho, prestou o seguinte depoimento: a depoente é viúva de Amílcar Lobo e confirma na oportunidade que os fatos relacionados ao ex-deputado Rubens Paiva constantes no livro de seu marido foram contados por ele à depoente da mesma maneira, acreditando que trata-se do relato mais fiel acerca da participação de seu marido nos fatos. Amílcar tinha inclusive pesadelos a respeito desse episódio. Para ele foi muito dolorosa a experiência como médico na polícia do Exército entre 1970 e 1974. À época ele era médico aspirante e apenas serviu o serviço militar obrigatório, saindo das Forças Armadas como segundo tenente da reserva não remunerado. Indagada sobre a identidade do major a que Amílcar se refere em seu livro, a declarante afirma que Amílcar não se recordava se tal major era o major Demiurgo ou não. Nas palavras dele, "muito provavelmente sim". Segundo a declarante, Amílcar lhe contou que os fatos relacionados a Rubens Paiva ocorreram em uma data próxima ao feriado de São Sebastião, em janeiro de 71. Ele se recordava que na data em que foi chamado na madrugada havia ocorrido a procissão de São Sebastião na igreja próxima onde ele morava, no bairro da Tijuca. Amílcar lhe contou também que quem lhe pegou em casa foi um capitão que trabalhava na administração da polícia do Exército, de nome Manoel Anselmo. Segundo a declarante ouviu falar, Anselmo já teria falecido. Até a sua morte Anselmo fazia visitas a família a pretexto de perguntar como todos estavam. Uma vez disse: "veja só se Amílcar não tivesse falado vocês não estariam morando em Oswaldo Cruz numa situação tão difícil. O Exército quis acolhê-los e apoiá-los, mas Amílcar não aceitou". Anselmo deve ter falecido há cerca de cinco anos. Anselmo não trabalhava no DOI e sim na polícia do Exército. Na data em que Amílcar atendeu Rubens Paiva ele ainda não conhecia o então major Rubens Paim Sampaio, só veio a conhecê-lo depois quando recebeu uma ordem do coronel Nei Fernandes Antunes, comandante da PE de que ele deveria atender uma presa em Petrópolis. Para tanto, ele deveria seguir as ordens de um major vinculado ao CIE de nome Sampaio. Acredita que Amílcar lhe



**MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**  
**PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

contou que a primeira vez que foi a Petrópolis foi conduzido encapuzado. Quando chegou a casa de Petrópolis ele reconheceu o major Sampaio como alguém que já havia visto na PE. Amílcar não lhe contou porém em que ocasião viu Sampaio pela primeira vez na PE. Em Petrópolis, Sampaio recebeu Amílcar na varanda da casa e nessa ocasião ordenou-lhe que tratasse de Inês Etienne Romeu. A ordem que ele recebeu era de que ele deveria tratar de uma ferida muito grave na coxa da presa decorrente de uma tentativa de suicídio. A presa não poderia ser levado ao hospital e Amílcar, mesmo não sendo cirurgião, foi obrigado a improvisar um procedimento cirúrgico. Naquela ocasião Amílcar não sabia nem o nome completo do major Sampaio nem do outro oficial que depois lhe foi apresentado, o Dr. Nagib. Posteriormente, tomou conhecimento de que Sampaio tratava-se de Rubens Paim Sampaio e que Nagib era Freddie Perdigão Pereira. Trabalhou com ambos em uma outra ocasião na casa da morte narrada no livro, tratava-se do atendimento de um preso de nome Vítor Luiz Papandreu. Conforme narrado no livro, Amílcar lhe disse ter presenciado Rubens Paim Sampaio atirar na cabeça de Papandreu, após Amílcar ter lhe dito que em razão da tortura o preso não estava em condições psiquiátricas de comparecer a um ponto marcado com algum integrante da organização política. O preso estava em uma espécie de surto psicótico e Amílcar ainda foi comprar um remédio psiquiátrico buscando controlar o surto, mas o medicamento ministrado não surtiu o efeito buscado, isto é, fazer com que o preso estivesse apto a comparecer no ponto marcado no prazo que eles haviam fixado. Depois dessa ocasião Amílcar ficou muito traumatizado com a violência empregada e pediu para não mais ser designado para servir junto ao major Sampaio. Referido oficial lhe disse uma vez: "Lobo, você não sabe o que você está dizendo, nós estamos aqui defendendo o país". Pediu isso ao comandante do pelotão, coronel Nei, e o coronel parece que já sabia que um pedido desse tipo pudesse ser feito quando proveniente de problemas com o CIE. Amílcar inclusive passou um tempo na enfermaria só atendendo soldados. A depoente acredita que Amílcar tenha ido a Petrópolis somente cinco vezes: três para atender Inês Etienne Romeu e duas para atender Papandreu. No restante do período que serviu no Exército, seu marido apenas serviu junto a polícia do Exército e também atendeu os presos políticos que estavam nas celas do PIC. Segundo a declarante seu marido apenas atendia os presos nas celas, nunca participando dos interrogatórios. Sua função lá era tratar dos ferimentos apresentados pelos presos, fazendo suturas, ministrando relaxantes musculares para que o preso aguentasse as dores e tratando dos machucados, muitas vezes nas regiões genitais. Houve também um caso em que ele recebeu a ordem de ministrar uma substância para uma presa política que havia recentemente dado à luz para fazes secar o leite. Amílcar sempre negou a acusação que ele empregava o "soro da verdade" ou pentatol ou outra substância no sentido de forçar os presos a falar durante os interrogatórios. No caso da acusação formulada por Cid Benjamin, Amílcar dizia que, excepcionalmente, ele foi chamado as pressas para fazer a sutura na cabeça do preso em razão de sua importância política e da necessidade de continuar o interrogatório com urgência. Todavia, como já falado, na quase totalidade das vezes, Amílcar tratava dos presos nas celas e não na sala de interrogatório. Ainda a respeito do caso de Rubens Paiva, Amílcar confirmou para a declarante que recebeu um telefonema na madrugada que de fato atendeu Rubens




**MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**  
**PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Paiva em uma cela no PIC. Segundo a declarante, Amílcar lhe disse que Rubens Paiva apenas conseguiu lhe falar o seu nome. Ele mal se mexia e apenas conseguiu balbuciar três vezes o seu nome. Amílcar também lhe disse que o tenente Avólio, no dia seguinte, ao ser indagado a respeito do paradeiro do preso, lhe disse: "Lobo, não se meta não". Também no dia seguinte, o capitão Anselmo lhe falou: "graças a Deus não sou eu que vai ter que transportar esse preso, mas sim o DOI" referindo-se ao fato de que ele não era preso da PE e sim do DOI. No período em que esteve na PE o horário de trabalho de seu marido era de 07h às 11h da manhã, de segunda a sexta-feira. À tarde, Amílcar trabalhava na clínica Saint Roman, e a partir de 1972 a depoente acredita que ele já tinha também um consultório como psiquiátrica. Amílcar também atendeu algumas vezes a família de Rubens Paim Sampaio. Isso ocorreu naquela época e Amílcar chegou a atender os filhos do major Sampaio na própria casa onde o oficial morava. Na parte da tarde o médico que atendia na PE era o Dr. Ricardo Fayad. "Fayad não quis encarar aquilo de frente durante muito tempo". Amílcar não sabia nada a respeito da eventual participação de Fayad em episódios na casa da morte, quem falou isso foi Inês Etienne Romeu. A depoente antes de casar-se com Amílcar exerceu a função de secretária em seu consultório, mas isso foi depois daquele período. Conheceu Amílcar em 74. Os médicos do pelotão ficavam na enfermaria da PE, em um prédio da Rua Barão de Mesquita diverso da onde ficava o PIC. Durante seu expediente era então chamado para atender os presos políticos. Amílcar acreditava que Rubens Paiva havia morrido no próprio DOI-Codi. Amílcar não conhecia a verdadeira identidade do agente de nome "Camarão" que trabalhava na casa da morte. Ouviu dizer que ele estaria em Mangaratiba. Junto com Amílcar, na PE, trabalhava um enfermeiro de nome cabo Benac.

Encerrado.

Eu, Viviane Magno, Assessora, digitei o presente termo.

  
Maria Helena Gomes De Souza  
Depoente

  
Sergio Gardenghi Suiama  
Procurador da República